

A HISTÓRIA MÍTICA DE CHICO REI E SEUS DESDOBRAMENTOS NA ORALIDADE OUROPRETANA

Claudio Adão Santos Vitório
*Estudante de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em
Humanidades, Culturas e Artes – PPGHCA*
E-mail: claudioacontab@hotmail.com

Renata de Almeida Oliveira
*Professora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades,
Culturas e Artes – PPGHCA*
E-mail: cultura.renata@gmail.com

Márcia Regina Castro Barroso
*Professora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades,
Culturas e Artes – PPGHCA*
E-mail: marciabarroso260@gmail.com

Introdução

O presente trabalho buscou analisar a construção das narrativas orais a respeito da trajetória épica do monarca africano Chico Rei em Ouro Preto, bem como descrever sua representatividade nas práticas religiosas e costumes culturais daquela região. Como nos indica Odair (2003), uma explicação mítica não tem um caráter irracional ligado a superstição, para quem nela acredita. Ao contrário, possui uma lógica e coerência que fornece uma explicação para os povos que consideram essa figura mítica como verdade, servindo como um modelo para a realidade humana.

Considerando a relevância historiográfica ao gerar evidências míticas quanto a sua existência, procurando afirmar essa oralidade como referência cultural do povo negro escravizado. E de acordo com Freitas (2006) a História Oral utiliza-se de metodologia própria para a produção do conhecimento. Sua abrangência, além de pedagógica e interdisciplinar, está relacionada ao seu importante papel na interpretação do imaginário e na análise das representações sociais.

Uma vez que nessa região conhecida pelos rigores da escravidão, se tornou relevante a construção da memória africana através dos seus relatos, procurando manter viva sua ancestralidade, através da fundação da Irmandade dos Homens Pretos, sob o viés da construção a Igreja de Santa Efigênia que deu origem as comemorações do Congado.

Fundamentação Teórica

A pesquisa se apóia em fundamentos teóricos que sustentam a formulação do problema e na adoção de técnicas e instrumentos de informação. De forma que a bibliografia reúne a atividade impressa em ampla tipologia de obras criadas no curso de sua evolução histórica, nos diferentes campos do saber.

Deste modo, o estudo buscará recorrer à uma extensa bibliografia que não apenas venha complementar e fundamentar mais consistentemente as inferências que as fontes primárias permitem fazer, mais também suprir as lacunas dessas.

E como referencial teórico preliminar, buscou-se analisar as seguintes produções narrativas: Gaspar (2014-2016) - Historicidade do Mito de Chico Rei; Natal (2007-2006) - Construção Memorialista e Monumentalista sobre Ouro Preto, conferindo a elevação monumental nacional da cidade; Le Goff (1990) - Discussões referentes à Memória Social.

E nas discussões sobre o Congado e Chico Rei: Marina de Melo e Souza (2002);

José Ramos Tinhorão (2012); Leda Maria Martins (1997).

Na busca de trazer fontes históricas sobre a origem do Congado e das Coroações de Reis Negros que façam alusão ao Mito de Chico Rei no alto da Cruz: Joseph Campbell (1997); Mircea Eliade (2006); Ferreira Santos (2005); Vânia Noronha Alves (2008)

E para os estudos de Colonialidade e Decolonialidade: Walsh (2006, 2007); Oliveira e Candau (2010).

A Respeito da Educação Patrimonial: Horta (1999).

Nos trabalhos a seguir os autores procuraram avaliar a importância das atividades sociais, religiosas e econômicas das Irmandades na sociedade colonial: Fritz Teixeira de Salles – Associações Religiosas no Ciclo do Ouro (1963); Julita Scarano – Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII (1978); Caio César Boschi – Os Leigos e o Poder (1986); Marcos Magalhães de Aguiar – Vila Rica dos Confrades: a sociabilidade confrarial entre negros e mulatos no século XVIII (1993).

Em outro grupo de autores será listado os trabalhos analíticos e interpretativos, já considerados clássicos, sobre a história, a sociedade e a cultura mineira: Affonso Ávila – Resíduos seiscentistas em Minas (1967); Lourival Gomes Machado – Barroco Mineiro (1973); Francisco Curt Lange – A música barroca (1960); Sylvio de Vasconcelos – Arquitetura Colonial Mineira (1957).

Outras Obras, apenas enfatizam a necessidade do seu conhecimento para a compreensão da estrutura dinâmica da história mineira do período colonial: José Ferreira Cerrato – Igreja, Iluminismo e Escolas Mineiras Coloniais (1968); Joaquim Furtado de Menezes – Igrejas e Irmandades de Ouro Preto (1975).

Na maioria das pesquisas acima mencionadas, encontram-se estudos fragmentados e/ou fracionados, quase sempre referentes a uma única instituição. No entanto, na historiografia, em fins do século XX, novas abordagens acerca da história da escravidão, preocupadas em divisar práticas e tradições culturais criadas ou reproduzidas por escravos, trouxeram novo alento à observação de festas, narrativas folclóricas, devoções religiosas e outros elementos do repertório cultural escravo (GASPAR, p. 553, 2016).

E apesar de suas diferenças temáticas e metodológicas, as obras dos autores a seguir, são expoentes desse contexto: Tarcisio de Souza Gaspar – Tapanhacanga em Ruínas: História do Palácio Velho de Ouro Preto - c. 1660-1825 (2016); Lázaro Francisco da Silva – Conjuração Negra em Minas Gerais (1995); Alessandro Dell'Aira – Johann Mortiz Rugendas e a Lenda de Chico Rei (2009); Anderson José Machado de Oliveira – Devoção e Identidades: Significados da Cultura de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais (2006); Marina de Mello e Souza – História Atlântica e Diáspora Africana (2003).

Desenvolvimento do Tema

A presente pesquisa está classificada como sondagem, no método analítico de abordagem qualitativa descritiva, apoiada nos procedimentos de estudos de casos em conjunto a pesquisa documental.

A primeira fase consiste na análise documental, que nasce a partir da necessidade do conhecimento bibliográfico da instituição a ser pesquisada. E esta relacionada ao amplo levantamento de diversos trabalhos, literários, artísticos, acadêmicos, históricos dentre outros, produzidos em distintas épocas, movimentos e intencionalidades. E como resultado esperado serviu de base para as considerações acerca das manifestações culturais do Congado na festa de coroação do Rosário que ocorre no mês de janeiro, cujo tema principal gira em torno da história de Chico Rei.

A fase seguinte constará do encaminhamento do projeto ao Comitê de Ética, via Plataforma Brasil, com o propósito de adquirir aprovação, ao atender todos os requisitos e exigências que tornem fiéis não apenas o processo de aquisição de dados, como

também a integridade do resultado, além de levar o conhecimento dos direitos dos envolvidos no processo.

E para a pesquisa de campo serão consideradas duas datas comemorativas na cidade de Ouro Preto: A Festa de Santa Efigênia comemorada em setembro de cada ano, e a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, intitulada de “A Fé que Canta e Dança”, no mês de janeiro, já registradas como Patrimônio Imaterial da cidade. Uma vez que de acordo com Pollak (1992) os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva, são os acontecimentos vividos pessoalmente, além dos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Inclusive ao considerar que os lugares de memória são os particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. E, por conseguinte na memória com os aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares que são os considerados de comemoração.

Nessas comemorações serão feitas as entrevistas que servirão de banco de informações orais para a atual pesquisa. Observando-se que: os participantes da pesquisa serão os membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia; os integrantes dos grupos de Congado que se apresentam em Ouro Preto; os moradores dos bairros Alto da Cruz, Antonio Dias, Padre Farias e arredores; os herdeiros da Mina do Palácio Velho e Encardideira além de considerar os depoimentos dos Historiadores e pesquisadores residentes em Ouro Preto. E para May (2004), as entrevistas geram compreensões ricas e detalhadas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas. Constituindo assim o meio ideal de compreensão das crenças e práticas populares típicas dessa localidade. Uma vez que ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido.

Conclusões

A pesquisa irá articular vários segmentos de História Oral, onde se buscou dar ouvido aos relatos de vida e vivências da população envolvida em torno da historiografia mítica de Chico Rei, a representatividade da Igreja de Santa Efigênia e a origem do Congado em terras mineiras. No instante em que se dá o direito de fala a diversificados narradores, a construção da História Oral possibilita múltiplas versões, diferentes percepções de mundo e várias interpretações do mesmo fato, o que constitui a base da memória coletiva, que se torna uma fonte de elementos para a reconstrução da memória histórica, partindo da criação e valorização do mito. E ressaltando-se que a função primordial desses depoimentos é dar subsídios para a análise dos elementos simbólicos construídos. Uma vez que na escolha das narrativas populares como objeto de estudo, amplia o lócus de reflexão para o entendimento da realidade.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: Ouvir contar. Textos em história oral. Rio de Janeiro, Editora FGV. 2004
- FREITAS, Sônia Maria de. História Oral: possibilidades e procedimentos. 2ª Ed., São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- MAY, Tim. Entrevistas: métodos e processos. In: Pesquisa Social: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ODAIR, José. Mito, memória e História Oral. 1ª Ed. Chamas, São Paulo: 2003.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 5, n. 10, 1992.